

Diferentes Mídias no Ensino de Língua Inglesa: Uma reflexão sobre a Prática Pedagógica

Rafaelly Andressa Schallemberger (UPF)
Roseli Maria Schallemberger (FURG)

Resumo

Sabemos da necessidade e urgência da inserção das mídias na educação e de suas contribuições no processo de ensino aprendizagem de línguas, contudo vemos que este é um processo lento de modificação. Há muitas escolas e professores despreparados, em fase de adaptação. Este trabalho busca por meio da revisão bibliográfica do assunto, pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, apontar como acontece o processo de ensino aprendizagem de língua inglesa com o uso de mídias (material impresso, CD, DVD e internet), frente ao não uso das mesmas, tendo como recurso apenas o quadro e giz. Os principais autores são Rapaport (2008), com os objetivos do inglês na escola e a inserção de mídias como recursos educacionais, os PCN's de Língua Inglesa e o Interacionismo proposto por Vygotsky. Por fim, identificamos que a aprendizagem foi positiva nas duas abordagens, contudo a interação foi muito maior na abordagem midiática. Os recursos motivaram os alunos para o conhecimento. Quanto as quatro habilidades da língua percebeu-se o mesmo aproveitamento na leitura e escrita, ao contrário das verificações auditivas e orais que demonstraram maior fragilidade na aula sem a utilização de mídias. Nos conteúdos trabalhados com mídias percebeu-se a pronúncia correta e segura das palavras, ao contrário da aula sem mídias. O fator mais surpreendente da pesquisa é o fato de que embora a abordagem seja importante, mais importante é o papel do professor atuando como mediador do ensino cativando e motivando seus alunos para o estudo. Independente da atividade proposta, os estudantes se sentiram motivados a participar pelo carinho que sentem pelas suas professoras e pela língua inglesa, sendo o momento do estudo de línguas prazeroso para todos eles.

Palavras-chave: Mídias. Ensino de Língua Inglesa. Professor mediador.

1 Introdução

Sabemos que o ensino de língua estrangeira passou por várias fases, que contemplaram diferentes técnicas. Em todas as épocas o objetivo principal foi que se melhorasse o aprendizado dos alunos nas quatro habilidades da língua: ler, escrever, falar e ouvir. Assim, tivemos, em meados de 1840 o Método Tradicional, que se baseava apenas na tradução de texto da língua materna para a língua objeto e vice-versa. Tivemos o Método Direto, criado por Maximilian Delphinus Berlitz, em meados dos anos 70, onde a turma era exposta à língua estrangeira durante todo o período da sala de aula. Esses servem apenas de exemplo, mas muitos outros métodos foram criados e testados, conforme detalharemos mais adiante.

Contudo, nas escolas de hoje, professores constantemente vêm se questionando sobre qual é o melhor método a ser empregado. Na realidade, de modo geral, no dia a dia das escolas não se emprega mais nenhuma teoria específica, mas sim, um conjunto delas, ou seja, o ponto mais forte de cada uma delas é utilizado. Mas com isso nos questionamos: Será que essas metodologias estão adequadas para o século XXI?

Então, com essas considerações, nos lembramos da sala de aula tradicional das escolas, onde a maioria dos alunos não gosta de língua inglesa, porque diz que não sabe nada, não entende nada.

Talvez esse desinteresse possa estar focado justamente no fato de que todos esses métodos estão, de certa forma, ultrapassados, carentes de atualização e adequação a uma nova geração. Nesse sentido, precisamos pensar qual é o foco de interesse do aluno, e assim, imediatamente pensamos na forma e no tipo de mídias que são inseridas à aplicação desses métodos. Tendo consciência de que existem várias opções de mídias, para este trabalho nos deteremos em utilizar as mídias impressas, DVD's, TV, CD e internet, até porque temos pensadores como Paulo Freire (1987), Piaget (1959) e Vigotsky (1988) que defenderam comprovadamente que o aprendizado acontece na experimentação, na interação com os demais e jamais sobre pressão.

Temos alunos conectados vinte e quatro horas por dia nas redes sociais, que não desligam um minuto sua *Wi-fi* do celular, que têm acesso à internet em qualquer lugar, que veem filmes, vídeos, TV a cabo, mandam torpedos, acessam as redes sociais, entre muitas outras atividades dessa natureza, e que, principalmente, costumam ficar dispersos em sala de aula quando o professor está falando ou escrevendo no quadro negro. O desinteresse costuma aumentar quando o foco é no ensino de uma segunda língua (L2), por haver uma crença no lugar comum de que aulas de L2, na escola básica, não levam ao real aprendizado dessa língua.

Entretanto, sobre a inserção de diferentes mídias, nos parece claro que a grande maioria dos profissionais das escolas regulares alega que não importa o que façam, os alunos estão sempre desmotivados, que não há mídia que os faça participar da aula. Outros apontam que as aulas com mídias diversificadas são interessantes, mas que na hora da prova os alunos não sabem nada, exceto aquilo que foi passado no quadro de giz e copiado para o caderno.

Por esse mesmo ângulo podemos nos questionar se a escola está realmente cumprindo seu papel primordial de dar as noções básicas para a vida em comunidade, se não utiliza mídias em seu dia a dia. Ora, é sabido por todos que a grande maioria das profissões hoje utiliza, por exemplo, um computador, seja para operações, seja pra controle de dados. Não podemos deixar que saiam da escola alunos alienados, sob pena de não estarmos cumprindo nosso papel de professores, formadores de opinião e de cidadãos críticos.

Para nossa pesquisa trabalharemos com o segundo ano do ensino fundamental, onde daremos sete aulas. Duas delas serão sobre a família, com o uso das seguintes mídias: mídia impressa, livro didático, CD com músicas, DVD e jogos na internet. Outras duas aulas se destinarão ao ensino do vocabulário de lugares da cidade e para tal utilizaremos apenas quadro e giz. A última aula será para a avaliação do domínio por parte dos alunos. Avaliaremos o envolvimento deles nos dois tipos de aula, os resultados escritos, de leitura, orais e auditivos a partir do conteúdo estudado. Por fim, descreveremos os resultados obtidos.

Nosso objetivo geral é, portanto, analisar se a inserção das mídias (CD, DVD, Material impresso e internet) no ensino de língua inglesa favorece aos resultados positivos em termos de domínio de conteúdo e participação dos alunos, se comparada ao ensino sem esses recursos. Os objetivos específicos são:

- verificar quais são os aspectos positivos e negativos do ensino sem recursos midiáticos nas aulas de língua inglesa;
- verificar quais são os aspectos positivos e negativos do ensino por meio das mídias (CD, DVD, Material impresso e internet) nas aulas de língua inglesa.

A partir dessas colocações e desses questionamentos surge nossa pesquisa, que buscará esclarecer essas questões e estará dividida da seguinte forma: o primeiro capítulo tratará da fundamentação teórica partindo das teorias de ensino de língua inglesa ao longo do tempo, em

seguida trataremos das mídias e seu contexto na educação, os aspectos metodológicos dessa pesquisa, a análise crítica dos dados, confrontados com o referencial teórico e, por fim, as considerações finais, referências e anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste momento nos dedicaremos a explicitar os diferentes métodos usados ao longo do tempo para que o aprendizado de inglês acontecesse. Abordaremos também alguns pontos positivos ou negativos de cada um deles além dos recursos que utilizavam para ensinar. Tal ponderação servirá como base para nossas próprias reflexões sobre os recursos e o uso de mídias que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. A respeito das mídias, também optamos por tratar deste aspecto mais detalhadamente, para que pudéssemos entender e nos apropriar dos aspectos que envolvem seus usos como recursos didáticos. Esses dois eixos norteadores serão alicerçados, principalmente em Rapaport (2008).

2.1 Os métodos de ensino de línguas

O Método da Tradução (1840) baseava-se na tradução de palavras e frases da língua alvo para a língua mãe e vice-versa. Foi criticado por ser absolutamente mecânico e não dar conta das quatro habilidades da língua, apenas de duas delas, ler e escrever. Também se verificou que os alunos não dominavam a língua ao final do processo de ensino desse método.

Já no Método Direto, criado por Maximilian Delphinius Berlitz, em meados dos anos 70, os alunos usavam apenas a língua alvo, sendo que aprendiam através da própria língua estrangeira, sem usar a língua materna. Imagens e gestos também eram utilizados nesse método. De acordo com Rapaport:

Um grande número de linguistas criticou esse método por sua falta de embasamento teórico e então, passou a tentar identificar uma teoria da natureza da língua e da natureza do processo de aprendizagem de uma língua, o que atribuiria uma base científica ao ensino de idiomas. (RAPAPORT, 2008)

O Método Audiolingual (1950) surgiu baseado nos soldados de guerra que precisavam aprender a língua do inimigo como forma de melhor se defender e atacar. Assim, através do uso de fitas e gravador, eram expostos a vários *drills*, ou seja, exercícios de repetição de frases e estruturas. O problema foi que a atenção era voltada apenas para a audição e fala, deixando-se de lado a escrita e a leitura e, também, a gramática.

A Abordagem Comunicativa (de autoria de Richard Rodgers, 1970) foi a primeira a tratar do fato de que não bastava aprender a língua, mas também se precisava saber sobre a cultura onde a língua alvo de aprendizagem se desenvolve. Assim, usavam diferentes técnicas, imagens, sons, frases, jogos, entre outros. Conforme Rapaport "A contribuição da abordagem comunicativa é inegável, e a flexibilização de atividades é riquíssima". (RAPAPORT, 2008, p.76)

A abordagem Natural (teoria de Krashen, meados de 1980) balançou as estruturas da época, quando Krashen expôs sua ideia que tinha como base o reconhecimento das semelhanças entre a aquisição da língua materna (L1) e da língua estrangeira (L2), mas sobretudo as noções claras entre as diferenças de aquisição e aprendizagem da L1 e da L2. De acordo com Rapaport, para Krashen:

os alunos devem ser encorajados a adquirir a língua estrangeira da mesma forma

que o fizeram quando adquiriram a língua materna - sendo expostos a um nível de complexidade linguística pouco maior daquele que conscientemente compreendem, uma vez que o ambiente e o professor podem fornecer pistas (dicas) do contexto em que estas se encontram inseridas (RAPAPORT, 2008, p. 77).

O Aprendizado Baseado em Tarefas (1981) era dividido em fases, onde primeiro o professor apresentava o conteúdo, depois os alunos realizavam uma atividade sobre o ensinado, em seguida faziam um relato sobre a atividade, sobre o que tinham aprendido e o apresentavam. Era feita uma análise sobre as apresentações e então, por fim, o professor fazia uma prática, baseada nas principais dificuldades encontradas pelos alunos. A vantagem desse método é a organização, os fins bem definidos e a possibilidade de uso das quatro habilidades da língua.

A partir da análise desses que são apenas alguns dos métodos que selecionamos para expor neste trabalho, podemos concluir que cada um deles contribuiu de alguma forma para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira. É importante destacar que, o surgimento de um método, não implicava no término do outro, pelo contrário, ao longo do tempo, os métodos foram se mesclando a fim de obter-se maior e melhor aprendizagem por parte dos alunos.

Contudo, o ponto que mais nos chama a atenção aqui é o pouco uso das mídias, de recursos diferenciados no ensino de línguas. Se observarmos atentamente, a maioria dos métodos é altamente tradicional, o que os alunos considerariam como "chato". Exceto os gravadores e as fitas cassete, poucas tecnologias foram usadas. O Aprendizado Baseado em Tarefas ainda era o método mais dinâmico de todos.

E a pergunta que não temos como calar: será possível utilizar alguns desses métodos na escola, deixando de lado nosso público alvo que são os alunos, as crianças, os jovens, que vivem conectados em mídias muito mais atuais e atrativas do que as utilizadas por todos esses métodos? Entendemos que não. Por esse motivo, seguiremos analisando as mídias e sua evolução, além das implicações disso na sala de aula.

2.2 Mídias: evolução e contexto

Houve um tempo em que um grunhido, um agitar de braços e uma expressão facial satisfaziam às necessidades de comunicação básica entre o ser humano e os membros de seu grupo. Contudo, com o passar do tempo, o homem precisou de novas formas para se comunicar, para interagir, para registrar e transmitir mensagens. Assim, frente às necessidades que teve, o ser humano precisou criar e encontrar soluções. Resumidamente, foi assim que as línguas foram surgindo, e em seguida, as tecnologias relacionadas à linguagem.

Apesar de todos os estudos científicos já realizados, ninguém sabe até hoje exatamente como as pessoas aprendem uma língua, mas sabe-se que a evidente necessidade de estabelecer uma comunicação mais sistemática, em que a emissão de sons isolados ou em certas combinações e as variações de entonação passassem a ter significados próprios e adequados a cada situação, favoreceu o desenvolvimento da linguagem oral, a busca pela ampliação de seus conhecimentos e a transmissão dos mesmos. (RAPAPORT, 2008, p.62)

Como vimos, até hoje a ciência não consegue explicar exatamente como a língua se processa e como ela é aprendida exatamente, mas sabemos que a linguagem é inata ao ser humano. Isso é

altamente fascinante, contudo dificulta os estudos que procuram desenvolver possibilidades de aprendizado de línguas. Ora, se não sabemos exatamente como aprendemos uma língua fica difícil desenvolvermos métodos, ou selecionar qual é o melhor deles. Contudo, percebemos também que eles pouco ou nada utilizavam de novas tecnologias. Ora, para os jovens que temos na atualidade, precisamos repensar esses métodos. Com o passar do tempo, com o aumento expressivo das necessidades, o homem foi criando mais e mais artefatos para auxiliá-lo no dia-a-dia:

a tecnologia não é uma característica exclusiva dos tempos modernos, pois tem como traço principal o aperfeiçoamento sistemático dos métodos de ação do homem sobre a natureza. Assim, fica claro que a história da tecnologia, com seus incentivos e oportunidades, está intimamente ligada a toda a evolução humana. (RAPAPORT, 2008, p. 43)

É inegável que o homem começou a criar desde que precisou do primeiro arpão, da primeira ferramenta de caça, e nunca mais parou. Somos o que somos pelas nossas próprias criações, e as mídias também são criações humanas. Mas nesse ponto podemos nos questionar o que são exatamente as mídias.

De acordo com o material da Especialização em Mídias na Educação¹, disponibilizado na disciplina Integração em Mídias na Educação, "literalmente 'mídia' é o plural da palavra "meio", cujos correspondentes em latim são 'media' e 'medium', respectivamente". Ainda nesse material, também encontramos a definição de que "na atualidade, mídias é uma terminologia usada para: suporte de difusão e veiculação da informação (rádio, televisão, jornal), para gerar informação (máquina fotográfica e filmadora)".

O fato é que "o volume de informação cresceu a tal ponto que o homem sentiu a necessidade de recorrer a um meio externo que o auxiliasse a guardar o que sua memória já não conseguia". (RAPAPORT, 2008, p. 105). Assim, temos as mídias, que conforme as definições nada mais são do que um meio para guardar, transmitir, divulgar informações que o homem sozinho já não estava mais dando conta de armazenar.

Se antes a questão-chave era como ter acesso às informações, hoje elas estão por toda parte, sendo transmitidas pelos diversos meios de comunicação. A informação e o conhecimento não se encontram mais fechados no âmbito da escola, mas foram democratizados. O novo desafio que se abre na educação, frente a esse novo contexto, é como orientar o aluno para saber o que fazer com essa informação, de forma a internalizá-la, transformando em conhecimento e, principalmente, como fazer para que ele saiba aplicar este conhecimento de forma independente e responsável.

Após todos esses fatos, precisamos nos perguntar, por que não, então, mídias na educação? Na realidade, já não se está mais preocupado com o método a ser utilizado, mas com os recursos que proporcionarão maior aprendizado e interesse por parte dos alunos.

Contudo, nesse ponto entraram questões como o fato de a maioria dos professores não estar apto a lidar com essas mídias todas, as escolas não possuem esses materiais disponíveis ou infraestrutura adequada. Certo é que a escola não pode mais deixar essas tecnologias de lado, até porque, como exposto, elas têm muito a nos oferecer em termos de qualidade e fazem parte da evolução humana, tanto em termos de tecnologia, quanto em termos de linguagem. Mas nesse ponto, temos uma característica bem peculiar, em que professores argumentarão que mesmo utilizando vários recursos tecnológicos haverá alunos que não participarão das aulas, não

¹ Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Curso de Especialização em Mídias na Educação EAD (2012-2014).

demonstrarão interesse e, muito menos, irão aprender. Fato é que não podemos fazer com que alguém aprenda se essa pessoa não estiver interessada em aprender. De acordo com o texto de Introdução de Mídias na Educação²:

O bom aproveitamento dos recursos didáticos está condicionado aos seguintes fatores:

- capacidade do aluno;
- experiência do educando;
- técnicas de emprego;
- oportunidade de ser apresentado;
- uso limitado, para não resultar em desinteresse.

As mídias, portanto, não são o foco principal das aulas e nem devem ser. Elas são um auxílio ao professor e aos alunos, às técnicas já desenvolvidas. Mas isso não nos isola de termos alunos que não irão aprender, porque cada ser é um ser, traz consigo sua bagagem de vida. Também não podemos fazer com que todas as aulas utilizem as mídias porque isso faria com que elas se tornassem chatas e monótonas, em função da repetição de abordagem.

O que temos que ter muito claro é que na atualidade não há mais a possibilidade de termos aulas sem as mídias. As mídias não são uma simples tendência, uma "moda" que irá passar. Elas são a evolução da raça humana, são o fruto das necessidades da nossa sociedade. Elas são positivas em muitos aspectos, e a escola não pode ficar em um tempo ultrapassado em que os únicos recursos eram o quadro e o giz. A tecnologia está aí e está na escola também. Professores terão que aprender, se adequar e utilizar essas ferramentas, que, naturalmente, não são a garantia de sucesso, mas são parte relevante na sociedade atual. Não queremos ser meros repetidores, desatualizados. Queremos que nós e nossos alunos façamos a diferença na sociedade.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Iniciaremos a análise pelas anotações do diário de bordo. Percebemos que no primeiro dia, quando apresentamos aos alunos a proposta de trabalho e afirmamos que eles participariam de uma pesquisa, a alegria tomou conta da sala de aula. As crianças se sentiram muito importantes em participar de algo dessa magnitude e deram o melhor de si em todas as aulas. A direção da escola, famílias e professora titular também contribuíram positivamente para que a pesquisa acontecesse.

Quanto às expressões e participações nas aulas percebemos que os alunos estavam interessados pelos dois tipos de aula. Contudo, detalhes importantes devem ser ponderados; eles interagiram, sorriram e se divertiram mais nas aulas em que utilizamos as mídias. Adoraram as atividades do livro porque eram coloridas, ou de colorir, de colar adesivos, de cantar. Cantaram as músicas e repetiram as palavras animadamente acompanhando o CD. Na hora do DVD ouviam, repetiam, sorriam, interagiam, conversavam com a tela da TV. Uma cena linda de se ver. No computador ficaram vidrados! Mal terminavam um jogo, já iniciavam o outro.

Já nas atividades feitas no quadro, a alegria estava presente, contudo não tão intensa, já que não havia tantas cores, tanto movimento. Eles fizeram todas as atividades e sentiram-se desafiados também. Não reclamaram de ter que copiar. Contudo a possibilidade de interação foi menor.

Assim, ficou muito claro que as aulas com mais mídias foram mais motivadoras e pedagogicamente mais atrativas, contudo houve um fator muito interessante neste ponto: como os alunos adoram a aula de inglês e sempre esperam que esta vai ser divertida, lúdica, ou com desafios,

² Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Curso de Especialização em Mídias na Educação EAD (2012-2014).

eles enxergaram a aula com quadro e giz, como algo interessante, como algo fora da rotina, já que antes não utilizávamos o quadro para passar atividades, apenas para anotações. Está claro que neste ponto, mais do que o suporte utilizado, conta o carisma, afinidade e interação existente entre professor e aluno. Ou seja, o ponto chave do aprendizado não são os suportes, mas o professor como mediador dos suportes, sejam eles quais forem.

Ainda neste quesito precisamos somar a questão tempo. O tempo foi melhor aproveitado nas aulas que utilizavam os diferentes suportes porque as atividades já estavam “prontas”, não precisava copiar. Nas aulas que tivemos que copiar, apenas a metade das atividades propostas conseguiram ser realizadas, embora o tamanho das atividades propostas fosse praticamente o mesmo. Isso comprova que para obter os mesmos resultados, teríamos que ter mais dias de aula com quadro e giz.

Em relação às provas escritas, percebemos que o resultado foi exatamente igual. Praticamente a totalidade da turma acertou todas as questões e sem dificuldades ou dúvidas. Frisamos neste ponto o fato de a turma ser praticamente homogênea e sem casos de dificuldades de aprendizagem, o que facilita nossa demonstração. Também não se percebem casos de indisciplina. Essa neutralidade nos permite analisar com certeza que na prova escrita ambos os métodos adquiriram o mesmo resultado.

Entretanto, nas atividades auditivas e orais, percebemos uma grande diferença. No vocabulário relacionado à família, estudado a partir de várias mídias, percebemos que os alunos tinham segurança ao apontar a imagem correta quando ouviam a palavra em questão. Já nas partes da cidade, trabalhadas apenas com quadro e giz, percebemos a hesitação, dúvidas e até mesmo erros. Da mesma forma, na avaliação oral, a maioria teve bom desempenho nos membros da família, com destaque para a pronúncia correta. Já nas partes da cidade, trabalhadas com quadro e giz, graves erros de pronúncia e troca de palavras aconteceram. As crianças falaram exatamente como se lê, mesmo que a pronúncia tivesse sido trabalhada pelas professoras.

Ao final, nos questionamos: “será que se tivéssemos conseguido desenvolver todas as atividades propostas com quadro e giz, não teríamos obtido o mesmo resultado que com as demais mídias?” É possível. Contudo, fica claro que o tempo despendido seria bem maior.

Quanto às questões de pronúncia, nos deparamos com os casos mencionados em nosso referencial teórico, de todos os métodos que fracassaram, ou que foram modificados. Os problemas de pronúncia parecem-nos com o método da tradução, em que só se preocupava com a leitura e a escrita, sendo o restante seriamente comprometido.

Também nos deparamos com a máxima de que:

O bom aproveitamento dos recursos didáticos está condicionado aos seguintes fatores:

- capacidade do aluno;
- experiência do educando;
- técnicas de emprego;
- oportunidade de ser apresentado;
- uso limitado, para não resultar em desinteresse.

Claramente em nossas aulas aconteceu o que foi proposto pelo nosso material de Mídias na Educação. Como a turma era basicamente homogênea, não tivemos o problema de capacidade dos alunos. Mesmo assim, temos a certeza de que independente das mídias, se o aluno não quiser estudar, não aprenderá, especialmente os adolescentes. Quanto à experiência, todos vieram com a

bagagem de gostar de inglês, e de a aula de inglês ser legal. Provavelmente isso não aconteceria em uma turma adolescente pelas questões que referimos no início do trabalho e então os resultados poderiam ter sido bem diferentes se o *corpus* do trabalho também fosse outro. Sobre as técnicas de emprego, a oportunidade de ser apresentado e o uso limitado, para não resultar em desinteresse também foram comprovados em nossa pesquisa. Mais importante do que o recurso é a técnica, é o “jogo de cintura” do professor, é a didática de sala de aula. E quando um recurso é muito usado, certamente perderá um pouco da graça e do *glamour*. Nesta pesquisa, contudo, o que aconteceu foi exatamente o contrário, como nunca utilizávamos o quadro para as atividades, utilizá-lo foi uma inovação e uma mídia válida. Assim, pudemos repensar nossa prática.

Como professoras pesquisadoras, percebemos claramente que ambas as teorias têm contribuições e que não podemos utilizar apenas uma forma de dar aula. Que justamente a qualidade de ensino-aprendizagem está no fato de se beneficiar de todas as teorias, de todos os métodos, de todos os suportes. Em uma sociedade em que tudo é variável, em que tudo muda a cada dia, por que não mudar em sala de aula? Que cada aula seja diferente, que cada aula seja especial. Não podemos deixar de lado as habilidades da língua e desenvolver as quatro. É provável que se tivéssemos mesclado as práticas pedagógicas e os recursos teríamos obtidos resultados positivos nos dois conteúdos trabalhados. Não é uma mídia em si, mas a contribuição de todas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar nunca foi e possivelmente nunca será uma tarefa fácil, especialmente em um mundo onde tudo se renova a cada minuto. Assim, não é possível padronizar qual é a melhor forma de aprender, qual é o melhor método ou ainda qual é o melhor suporte.

Com essa pesquisa vimos a evolução das teorias de ensino de línguas e concluímos que nenhuma é ruim, ou está errada, mas que cada uma delas nos traz uma contribuição. Não é possível adotar um método de ensino aprendizagem, mas sim, beneficiar-se de cada um deles.

Também verificamos que as mídias fazem parte do contexto de evolução do ser humano, assim como a descoberta do fogo. Não podemos ignorar essas inovações e muito menos excluí-las da sala de aula. CDs, DVDs, computadores, materiais impressos, internet, entre muitas outras mídias e suportes estão aí para contribuir e facilitar o trabalho do professor. Entendemos que nem sempre os docentes estão preparados para utilizar os diferentes meios, mas como formandas na especialização de Mídias na Educação, nos sentimos parte do processo de transformação dessa realidade.

Vimos que uma mídia não muda o aprendizado, mas sim, a utilização das diferentes mídias, do controle do tempo, das diferentes propostas de interação entre os alunos. Também entendemos que temos públicos variados e que, muitas vezes as mídias não tocarão nossos alunos. Tudo depende do contexto e da bagagem de cada aluno e de cada professor. São propostas e cada uma adequada a sua realidade.

Entendemos que conseguimos alcançar nossos objetivos de verificar como se processa o aprendizado a partir do uso ou não uso de recursos midiáticos no ensino de língua inglesa e de forma pontual pudemos apontar os resultados positivos e negativos de ambas as formas de ensino.

E por fim, o fator mais importante de todos no processo de ensino aprendizagem, continua a ser o professor. É do carisma, da motivação, da admiração, do sentimento que o professor causa nos alunos, que surge o processo de ensino aprendizagem. Nossos alunos nos amavam tanto e amavam tanto nossas aulas, assim como a recíproca é verdadeira, que não importava a mídia, o recurso, ou o

suporte, o aprendizado aconteceria. E isso é fundamental. É um estudo mais psicológico do que educacional. Sabemos que trabalhamos com uma turma de crianças que, em geral, são bastante apegadas com seus professores, e é bem possível que o mesmo não se daria em uma turma onde esta relação não existisse, ou ocorresse em menor grau. Mesmo assim, a interação entre professor e aluno é fundamental.

As mídias são fundamentais e contribuem com o trabalho do professor e o aprendizado dos alunos. Mas o processo de ensino aprendizagem é muito mais do que métodos, suportes, ou receitas de bolo. É um processo de amor. É um processo de construir-destruir-reconstruir constante, é mudar-se como aluno, é mudar-se como mestre. É ser humano. E ser humano não tem parâmetros. Tem evolução.

5 REFERÊNCIAS

BERTOLDO, Ernesto Sérgio. *Política de formação de professores de Língua e seu impacto no sujeito-professor*. UFRGS, 2007. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sujeito/ernesto.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. 2008. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola. 135p. (Série Estratégias de Ensino, n. 8.)

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.

Introdução de Mídias na Educação. Disponível em http://www.uab.furg.br/file.php/519/etapa_1/p1_01.html. Acesso em 23 de julho de 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes e (org.). *Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências*. Minas Gerais, Pontes:1996.

PIAGET, Jean. *A linguagem e o Pensamento da Criança*. Trad. Manuel Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

RAPAPORT, Ruth. *Comunicação e tecnologia no Ensino de Línguas*. Editora IBPEX, 2008.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

VYGOTSKII, Lev Semenovich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Ícone, 1988.

AUTORES

Rafaelly Andressa SCHALLEMBERGER- Mestranda em Letras pela Universidade de Passo

Fundo (UPF).

Roseli Maria SCHALLEMBERGER - Especialista em Mídias na Educação (FURG).